

BLIZZARD ENTERTAINMENT

Inflexível

Matt Burns

“Quando sopra o vento do agouro, a árvore que cede é a árvore que se parte.”

Zhota não conseguia calar as palavras de despedida de Akyev. Palavras que tinham atarantado cada passo dele pelas últimas semanas. De dia, a memória da voz do mestre era um mero sussurro, mas, com a chegada da noite, ela se tornava ensurdecedora.

Hoje, a noite era igual... Hoje, ele sabia que seria testado novamente.

Os ventos tinham se fortalecido, uivando por Gorgorra como o estertor gélido da morte de um deus. O frio roía os mantos verde, branco e azul, mordendo fundo até os ossos. Nos anos passados, Zhota tinha resistido aos vendavais afiadíssimos ao redor do Monastério do Céu Suspenso sem sequer estremecer, mas este vento era diferente. Havia uma urgência nele que inquietava Zhota, como se os deuses da floresta tremessem de medo.

Zhota andava de um lado para o outro, batendo de leve o cajado-bo no solo coberto de líquen. Pinheiros musgosos e bétulas se erguiam altos ao redor da clareira onde o monge havia acampado pela noite, ao lado de um carvalho extremamente antigo. Os galhos retorcidos cobriam o acampamento de forma quase protetora.

Os dois homens perto da fogueira ainda dormiam, embrulhados em cobertores esfarrapados de lã. Zhota desejara uma noite de solidão, mas os refugiados estragaram tudo ao encontrá-lo logo após o pôr do sol. A vontade de recusar-lhes um lugar no acampamento tinha sido forte, mas o mestre tinha proibido explicitamente que recusasse auxílio a viajantes.

— Receba-os de braços abertos, mas mantenha o coração guardado — ordenou Akyev. — Observe-os com cuidado, pois, se estiverem maculados por um deus do caos, ele fará o possível para escapar ao seu olhar.

E assim Zhota obedeceu, examinando os estranhos intensamente. Não levou muito tempo para decidir que eles estavam livres da corrupção. Os homens magros e de olhos cansados eram um pai grisalho e seu filho de vinte anos, únicos sobreviventes de um ataque de um bando de khazra selvagens. Os caprinos imundos tinham invadido sem aviso a vila dos refugiados, e reduzido o lugar a um cemitério fumegante.

Os homens vinham de uma região de Gorgorra religiosa e culturalmente conectada a Ivgorod, e fugiam para o norte, buscando segurança na cidade. Apesar dos horrores que tinham enfrentado, pai e filho estavam esperançosos, e acreditavam que encontrar Zhota foi um sinal do carinho do deus do destino. Zhota sentiu-se quase cruel enquanto ouvia os dois tagarelando sobre como seria a vida dentro de Ivgorod, pois sabia para si que eles provavelmente morreriam antes de chegar à cidade.

Enquanto os dois se preparavam para dormir, tinham oferecido o que restava dos míseros suprimentos em troca da estadia no acampamento. Zhota tinha educadamente fingido a tentação de aceitar antes de rejeitar o presente. Ele não queria nada com os refugiados. Tinha aprendido a não se aproximar daqueles que conhecia em Gorgorra, por medo que se tornassem obstáculos.

— Então ofereceremos o dobro em tributo aos deuses — afirmou o pai, com gentileza. — Foram graciosos em ter nos guiado até você, homem santo. Nada em Gorgorra é o que parece.

Não, Zhota queria responder. Nem mesmo eu.

O velho dizia a verdade sobre a floresta. Zhota tinha crescido com histórias sobre a velha mata de Gorgorra, ao sul de Ivgorod. Até as árvores mais jovens já eram antigas quando a ordem monástica fora fundada. Aqui, sempre lhe ensinaram, o equilíbrio entre os mil e um deuses da ordem e do caos era imutável. Zhota se perguntou o que os monges anciãos diriam se testemunhassem o crisol de sombras que era a floresta hoje.

Zhota continuou a circular pelo acampamento, repetindo um mantra que lhe abriria a mente às matas próximas, onde os olhos não podiam ver. O monge sentiu algo se movendo nas trevas, uma presença que tinha descoberto mais cedo naquela noite. Lentamente, de forma quase metódica, ela tinha se fortalecido a cada hora que se passava, como se ela se aproximasse do acampamento. Zhota ficou arrepiado com a sensação de ser vigiado de todos os lados por cem olhos pertencentes a observadores cujas formas permaneciam ocultas. E, pior ainda, nenhum dos deuses da ordem da floresta tinham atendido às preces e revelado a fonte da presença. Os deuses estavam indiferentes... indignos de confiança.

Os deuses já estavam assim há semanas, desde que o fogo celeste queimara por sobre Ivgorod, aterrissando em algum lugar ao sul do reino. No rastro do fogo, os deuses caóticos e suas crias infernais tinha começado a pregar na floresta, enquanto bandoleiros pilhavam os vilarejos isolados de Gorgorra com impunidade. Havia dúzias de nomes e explicações diferentes para o cometa, mas todas concordavam que ele prenunciava tempos tenebrosos. A infiltração das sombras era particularmente profunda nas léguas de densas florestas montanhosas que o cercavam. Descobrir o que o fenômeno realmente significava não era responsabilidade Zhota. Outro membro da ordem, um monge sem igual que Zhota respeitava imensamente, tinha sido mandado para aprender mais sobre o fogo celeste.

Com o passar da noite, Zhota ficou mais inquieto. Parecia que essa tal força das trevas que se esgueirava pela mata estava brincando com ele. O monge passou a mão pelas centenas de glifos e provérbios que tinha entalhado no cajado. Os símbolos serpenteavam pela arma de ponta a ponta em padrões intrincados, cada um uma lembrança das lições de treinamento. Zhota repetiu as inscrições, na esperança de receber clareza ou determinação. Porém, elas apenas lhe trouxeram memórias dos fracassos sob a tutela de Akyev.

Zhota estava recitando as lições quando os ventos se reduziram a um sussurro.

Ao longe, um estampido forte, como lenha seca estalando na fogueira, ecoou por Gorgorra, seguido por outro e mais outro. Os ruídos estranhos inicialmente eram poucos e leves, mas rapidamente aumentaram em frequência e volume, vindos de todas as direções ao redor do acampamento. Zhota forçou os olhos e espiou as trevas, no que os barulhos alcançaram um tumulto ensurdecedor de galhos chacoalhantes e madeira estilhaçada. Ele viu fileiras de árvores logo fora da clareira balançar e então explodir espontaneamente, em ondas sucessivas que se aproximavam dele e dos refugiados com cada detonação.

O movimento parou à beira do acampamento. Uma calma mortal se assentou na mata.

O velho e o filho se levantaram, grogues de sono.

— O que foi? — resmungou o pai.

Zhota ergueu a mão num gesto pedindo silêncio. Se esgueirou até as trevas, um abismo negro desprovido de movimento ou forma, mas pesado com a presença dos laçaios dos deuses do caos, que agora ele reconhecia. Mesmo que não pudesse vê-los, estavam tão perto que Zhota pensou que poderia estender a mão e tocá-los. Estavam por todos os lados ao redor dele, no solo, ar e árvores.

Dentro das árvores.

O solo se ergueu sob os pés de Zhota bem quando ele entendeu. Uma massa de raízes irrompeu para o alto numa chuva de solo úmido, lançando o monge ao ar. Ele rolou ao cair, se ajoelhando do outro lado do acampamento.

As árvores ao redor de Zhota balançaram e estenderam os galhos, rangendo e grunhindo como gigantes que acordavam após eras de sono. Relances de movimento podia ser captados à luz da fogueira, quando numerosas raízes se ergueram e começaram a chicotear cegamente contra Zhota e os refugiados.

— Fiquem perto do fogo! — ordenou Zhota aos outros homens.

O pai e o filho correram para tirar toras das chamas, balançando as tochas improvisadas contra as raízes expostas que alcançaram o centro do acampamento. Zhota investiu contra um pinheiro próximo, golpeando as raízes que se lançavam contra os pés dele. O monge atacou a árvore com o cajado numa fúria de golpes e então acertou a palma aberta contra o tronco. Rachaduras se espalharam a partir da mão dele, espiralando pelo pinheiro. Zhota saltou para trás no que o tronco explodiu em lascas e a metade superior da árvore caiu sobre uma bétula vizinha.

Porém, com a destruição do pinheiro, Zhota percebeu que o demônio que o possuía não morreu. Em vez disso, parecia que a presença profana tinha apenas diminuído em poder. O monge abriu a mente para as árvores que cercavam o campo. Estavam todas maculadas, mas eram apenas marionetes controladas por uma única entidade.

O olhar de Zhota pousou no velho carvalho, que permanecia inerte e sem vida. O monge subitamente sentiu que havia algo no tronco desgastado, o demônio que espalhava sua influência pela floresta.

Como reação à descoberta de Zhota, o tronco do carvalho se abriu, revelando algo que parecia uma bocarra escancarada espumando musgo. Lançou um uivo que penetrou a noite e fez os joelhos de Zhota tremerem. Os refugiados caíram ao chão, apertando as orelhas e gritando de agonia.

As outras árvores pararam, no que o demônio recolheu o poder, trazendo-o todo de volta ao carvalho. Os galhos se atiraram contra o acampamento como dúzias de lanças afiadas na direção de Zhota. O monge mergulhou para o lado e moveu o bo num arco largo, mandando uma lâmina invisível de puro ar que rasgou os galhos retorcidos.

O carvalho urrou de fúria e renovou o ataque com o que restava dos ramos partidos. Zhota deu um salto mortal sobre os galhos que chicoteavam no ar, e pousou ao pé da árvore. Com um estoque brutal, Zhota cravou o bo nas mandíbulas do carvalho, concentrando a mente num único ponto na extremidade da arma.

O carvalho se debateu, com o tronco pulsando no que uma torrente de fogo divino irrompeu-lhe da bocarra. As chamas arderam pelo cerne da planta, que definhou numa carcaça enegrecida e fumegante.

— Homem santo! — O pai gritou atrás dele.

Zhota se virou e viu que um dos galhos do carvalho tinha perfurado o ombro do filho, prendendo-o ao chão. O jovem estava inconsciente, mas vivo.

— Um ferimento leve. Ele viverá com sua ajuda, homem santo — afirmou o pai ao se ajoelhar ao lado do filho.

Sim, Zhota queria dizer. Como todos os monges, ele tinha sido bem treinado nas artes curativas. Inspeccionou a pele ao redor do galho de carvalho. O sangue era de um escarlate saudável, sem sinal de corrupção... ainda.

— Certamente você é capaz de curá-lo? — Rogou o pai a Zhota, olhos cheios de esperança e expectativa.

— Ele está maculado agora — retrucou Zhota, se obrigando a dizer as palavras vazias que lhe mandaram recitar. — A corrupção escapará aos meus poderes sagrados até eu ir embora. Só então ela emergirá e tomará a alma e o corpo do seu filho. Temos de entregá-lo aos deuses, para que ele possa ficar em paz.

— Não! — gritou o velho, chocado. — Ele vai lutar. Ele é forte. Deixe-o comigo. Eu juro pelos mil e um que, se ele mostrar sinais de corrupção, eu o matarei com minhas próprias mãos. É o último da minha linhagem.

O pai agarrou fracamente os pés de Zhota, implorando em puro desespero. Nada disso parecia correto ao monge. Ele deveria levar esperança aos outros, e não tomá-la deles. Por um momento, o monge pensou em ir embora. Mas, assim que o pensamento surgiu, memórias de Akyev emergiram sem serem chamadas.

Zhota quase podia ver o mestre diante de si no acampamento, fitando o ex-pupilo com vergonha e desgosto. O monge vira Akyev pela última vez há semanas, depois que Zhota passara pelos ritos monásticos e fora tatuado com os círculos da ordem e caos na testa. Foi num dia depois que o fogo celeste surgiu sobre Ivgorod que o mestre o chamou a uma varanda aberta do monastério. Os ventos da montanha agitavam os mantos de cores de terra do monge mais velho, marrom, negroecinza. O Inflexível, Akyev era chamado às vezes. A força e dedicação dele eram tudo que Zhota se esforçava para emular, mas temia jamais ser capaz de alcançar.

— Aqueles tocados pelas crias dos deuses do caos tem de ser purificados. Não faça perguntas. Não tente curar os ferimentos. Temos de garantir que a mácula seja estancada rapidamente — afirmou Akyev, transmitindo as instruções passadas a ele pelos nove Patriarcas, os líderes da religião Sahptev e governantes supremos de Ivgorod. Como o braço militante da fé, os monges eram encarregados do cumprimento dos decretos baixados pelos líderes divinos do reino.

—O Patriarca lhe conferiu uma tarefa difícil, reservada apenas aos mais devotos da ordem, — o Inflexível tinha continuado. Ele fitou Zhota por um instante, franzindo o cenho. — Você alcançou o grau de monge, mas há momentos em que eu me pergunto se você está realmente pronto. Há momentos em

que eu penso que você ainda é o garoto tolo que chegou ao monastério. Mais fera que homem, realmente... Um animal selvagem com olhos nublados pela emoção e intuição e todos aqueles sentimentos fugazes que mudam tanto quanto os ventos. Você é aquele garoto, ou é um monge?

— Aquele garoto está morto — respondeu Zhota.

— Então prove. E lembre-se, quando sopra o vento do agouro, a árvore que cede é a árvore que se parte.

No dia seguinte, Akyev partiu do monastério numa missão própria. Zhota saiu não muito tempo depois, levando consigo as palavras do mestre, uma lembrança constante dos fracassos passados.

A voz de Akyev soava mais alta do que nunca agora, rilhando nos ouvidos de Zhota como o uivo de espadas de aço. O monge foi tomado pela raiva direcionada aos pensamentos de abandonar o dever. Era o suficiente para forçá-lo a agir.

O dever é tudo, ele disse a si mesmo. A palavra dos Patriarcas é a palavra dos deuses. Quem sou eu para questionar os métodos deles? Sou o instrumento deles.

Os líderes santos de Ivgorod eram as reencarnações dos nove humanos originais que foram escolhidos pelos deuses para governar o reino. Quatro foram jurados à ordem, quatro ao caos, e um permaneceu neutro. Eles sempre trabalharam em prol do equilíbrio. Às vezes isso significa pedir aos monges atos difíceis, mas essa era a natureza do mundo. Tudo fazia parte da manutenção do equilíbrio entre ordem e caos, para nenhum lado reinasse sobre o outro.

— Saia da frente — comandou Zhota, mas o velho não se mexeu.

— Meu menino *nunca* desonrou os Patriarcas! É assim que eles o recompensam? — O refugiado recuou e sacou uma faca cega dos apetrechos próximos ao fogo. Ele se lançou contra o monge num golpe.

Zhota segurou o pulso do velho, torcendo-o até que soltasse a faca. O pai ganiu de dor e caiu de joelhos. — É o meu único filho — soluçou.

Depois disso, o velho perdeu a força para lutar. Desabou e ficou caído na terra.

Zhota foi lentamente até o filho, recitando mentalmente um dos antigos juramentos da ordem monástica. *Caminho dentre os deuses da ordem e os deuses do caso. Canalizo ambos, sem me tornar nenhum. Sou o guerreiro que caminha na fronteira. Enquanto eu agir para defender o equilíbrio, estarei sem pecado.*

Sem pegado. Zhota articulou as palavras em silêncio enquanto tocava a palma no peito do jovem. O monge fechou os olhos e então sussurrou um mantra para preencher o rapaz com energias santas. Era uma forma de execução misericordiosa que o monge tinha aprendido com Akyev, usada para conceder uma morte pacífica e indolor àqueles feridos mortalmente e além dos poderes curativos da ordem.

Zhota sentiu o coração do jovem bater cada vez mais lentamente, até que finalmente parou. Em seguida, Zhota construiu uma pira de madeira e purificou o corpo nas chamas.

A luz da alvorada já avançava lentamente pela mata quando os ossos se carbonizaram. Zhota partiu sozinho, sabendo que deveria andar de cabeça erguida em triunfo por ter cumprido a vontade dos Patriarcas. Em vez disso, ele só conseguia pensar no velho devastado que ficara para trás, cujos últimos vestígios de esperança se esvaíam enquanto ele se ajoelhava sobre os restos do filho e rezava para deuses que não mais escutavam.

Zhota se deparou com a caravana massacrada três dias depois.

Havia oito cadáveres no total, espalhados numa pequena clareira acarpetada com agulhas de pinheiro. Zhota puxou o manto que lhe envolvia o peito até cobrir o nariz, para afastar o fedor, e abriu a mente à área que o cercava, buscando a presença de demônios. Não achou nenhum.

Mais de duas dúzias de sacos de provisões jaziam ao lado de uma besta de carga parruda, clivada em duas à altura dos imensos ombros. Havia material demais para um único animal levar, mesmo sendo tão forte e tenaz como estas bestas de carga. Perto da estrada, Zhota encontrou três conjuntos de pegadas de cascos, cada um levando numa direção diferente.

Os cadáveres humanos apodreciam, a caravana tinha morrido há não mais que um dia. A maioria das vítimas vestia os robes cinzentos comuns àqueles que viviam em Gorgorra. Porém, espadas e machados finamente fabricados, caídos ao lado de vários dos corpos, traíam os disfarces simplórios.

Zhota se ajoelhou ao lado de um dos mortos, um homem forte com as mãos calejadas e marcadas de um guerreiro. Vermes ocupavam vários ferimentos nos braços dele e no peito. Parecia que quase todos os viajantes tinham sido torturados antes de serem mortos.

Um corpo em particular chamou a atenção de Zhota. A mulher tinha sido completamente despida e atirada na fogueira, agora enegrecida, que havia no centro do acampamento. As pernas dela estavam calcinadas. Ao contrário das outras vítimas, ela tinha sido decapitada. Zhota procurou a cabeça na clareira, mas não a encontrou.

O massacre tinha sido calculado. Havia uma história aqui, ele sabia, mas os Patriarcas não tinham enviado o monge a Gorgorra para decifrar mistérios. Ele precisava apenas purificar os cadáveres antes de partir.

Zhota espiou alguma coisa meio enterrada nas cinzas da fogueira e a puxou. Era uma flauta ornada com inscrições e rebites de latão. Um instrumento de criança. O monge lembrou que tinha trazido uma flauta ao monastério quando iniciou o treinamento. A música sempre tinha sido honrada na ordem monástica e em Ivgorod como um todo, mas Akyev não compartilhava do amor dos colegas pelas artes. Imediatamente após encontrar a flauta dentre as coisas de Zhota, Akyev a quebrou em duas e a atirou de um penhasco à beira do Monastério do Céu Suspenso.

Zhota limpou a fuligem do instrumento e o levou aos lábios. Ao soprar, as notas soaram numa dissonância partida. Eram tão vazias e desprovidas de significado quanto à vida dele antes de entrar para o monastério. O monge se preparou para jogar o brinquedo de volta à fogueira, mas hesitou. O ato de segurar a flauta era estranhamente encorajador, e ele se sentia quase tranquilo. Zhota guardou a

flauta no manto, se convencendo de que seria uma lembrança do garoto fraco e ignorante que ele fora um dia.

A densa copa à beira da clareira subitamente farfalhou com movimento.

— Apareça! — Comandou Zhota, virando-se na direção do som.

Folhas mortas caíram ao chão logo além da clareira. Zhota se esgueirava pela penumbra da floresta quando um pequeno vulto saltou de uma imensa bétula e se lançou às profundezas da floresta.

Zhota perseguiu. O fugitivo vestia os mesmos robes pobres dos viajantes mortos. Era uma criança, pelo jeito, e bem desajeitada. Ela tropeçava em raízes e esbarrava com o ombro em troncos ao fugir.

Finalmente, Zhota derrubou a criança no chão. Ela se debateu sob os braços dele e começou a soluçar. Quando Zhota puxou o capuz dela, viu uma abominação que lançou um calafrio pela espinha.

Era um menino de no máximo dez anos. Cabelos longos, quase translúcidos fluíam sobre o solo frio, emoldurando um rosto magro e humilde. A pele dele era da cor de ossos expostos ao sol. E os olhos...

Os olhos dele eram completamente brancos, e choravam lágrimas de sangue.

Vários dias de jornada se passaram depois que Zhota purificou os viajantes mortos e, por todo esse tempo, a criança cega permaneceu calada, ignorando as perguntas sobre a caravana. O monge começou a achar que o garoto também era mudo até que, uma noite, o menino murmurou “mãe” enquanto dormia.

O garoto tentou fugir várias vezes, forçando Zhota a remover um dos mantos e amarrar as mãos dele, usando a peça de roupa como uma correia. A decisão de trazê-lo junto não tinha sido fácil. A mera aparência do menino causava maus pressentimentos em Zhota. Por algum tempo, o monge entretteve a ideia de que o garoto seria um demônio disfarçado, mas logo a descartou. *Nada em Gorgorra é o que parece.*

Aquele menino era aberrante, isso era verdade, mas Zhota não sentira nada demoníaco nele. Parecia atento aos arredores de um jeito que apenas quem nunca pode contar com a visão poderia ser. Mesmo assim, o garoto tropeçava constantemente em pedras musgosas ou raízes expostas, reduzindo a velocidade de Zhota a um passo de tartaruga.

Mais preocupante ainda era o fato do jovem ter a resistência de um cão moribundo. Ele não conseguia andar mais de 800 metros sem parar para recuperar o fôlego. Sempre que o canto de pássaros ou outros bichos soava nas matas, o garoto saíria vagando atrás do som, capturado pela curiosidade infantil. Zhota tinha vontade de deixar o menino para trás, mas queria aprender mais sobre o que tinha acontecido à caravana.

O silêncio teimoso do garoto persistiu, porém. Se ele queria brincar, Zhota decidiu que iria brincar também.

— Mais rápido, garoto demônio. — Zhota dava um puxão na correia do menino.

— Cuidado para não tropeçar, garoto demônio — disse o monge ao guiar o jovem por uma área rochosa.

Zhota provocou o menino pelo resto do dia, observando enquanto a pele dele ficava corada de raiva. Finalmente, o garoto se irritou, puxando a correia de Zhota. — Eu não sou um demônio!

— Então você sabe falar.

O garoto se encolheu, derrotado, e baixou a cabeça.

— Diga-me seu nome, garoto. Estou aqui para ajudá-lo.

— Mentiroso. Você me enganou. Você tocou a música errada.

— Enganei você? Eu deveria ter deixado você lá atrás. Quanto tempo você acha que um garotinho cego duraria em Gorgorra... — Zhota lembrou-se subitamente da flauta guardada no manto.

— Imagino que isto seja seu, então. — Ele recuperou o instrumento e o entregou ao menino.

O jovem tateou o ar até encontrar a flauta, e então a abraçou. Lágrimas de sangue lhe escorreram dos olhos, deixando finos rastros vermelhos que davam a impressão de que alguém havia cortado o rosto dele com uma navalha.

— Mãe... — sussurrou o menino. — Ela prometeu que me chamaria de volta com a nossa canção. Quando ouvi a música, ela estava errada... toda errada... Achei que ela tinha esquecido. — O garoto voltou os olhos cegos a Zhota, como se pudesse vê-lo, e franziu o rosto de raiva. — O que você fez com ela?

—Se sua mãe estava no acampamento, então está com os deuses agora,— disse Zhota, recordando a mulher sem cabeça na fogueira. O monge não viu por que temperar a verdade com platitudes e falsas esperanças. — Ela e os outros encontraram seus destinos antes que eu os achasse.

— Os deuses me contaram isso — admitiu o menino. — Mas eu não queria acreditar neles.

— Qualquer que seja a força do mal que os matou já se foi. Não lhe incomodará mais.

— Não — retrucou o menino. — O demônio que nos atacou ainda está por aí. Os outros no acampamento, eles me esconderam na árvore e então soltaram os animais para enganar o demônio, mas quando ele descobrir que não estou com eles, vai me procurar de novo. Mamãe disse que ele nunca vai parar de nos perseguir até nós dois estarmos mortos.

— Os demônios aqui matam indiscriminadamente. Eles não perseguem viajantes por vários dias. Agora, diga-me o seu nome e de onde você veio. Você tem parentes em Gorgorra?

— Você não acredita em mim — concluiu o garoto. Ele ignorou as outras perguntas de Zhota.

Naquela noite, depois que Zhota montou acampamento, o garoto se enrodilhou para dormir junto ao calor do fogo, abraçado com a flauta. A obstinação do menino era enfurecedora, mas o monge se perguntava por que os deuses teriam cruzado os caminhos dos dois, se não fosse para ele cuidar do menino. Ele estava indefeso... solitário... assustado...

— Os campônios que você encontrar vão tentar desviá-lo do caminho do dever com suas lágrimas e tragédias. Você terá de ser mais sábio que eles. Não pode se desviar — Akyev o avisara.

Havia sabedoria nas palavras de Akyev, Zhota tinha de admitir. Ele fora despachado para restaurar o equilíbrio a Gorgorra, não para pastorear órfãos. Mas não conseguia se forçar a abandonar a criança.

Zhota traçou com os dedos as lições entalhadas no bo. Parou num arranhão profundo perto do centro do cajado. O lascado era feio e maculava as belas inscrições que Zhota tinha feito, mas Akyev o proibira de consertá-lo, pois assim o aprendiz esqueceria o significado dele.

— Sua arma é apenas tão forte quanto seu espírito — instruíra Akyev no dia em que o cajado fora cortado. Os monges trabalhavam para afiar os corpos e mentes em instrumentos da justiça divina. Espadas, cajados e outras ferramentas de batalha eram, na verdade, desnecessárias. Mesmo assim, a ordem valorizava o treinamento com todas as formas de armamento, para fortalecer a habilidade marcial. Não era incomum que um monge brandisse um tipo de arma, como uma extensão de seu espírito perfeitamente equilibrado, para focalizar os ataques. Akyev acreditava no método, e ao longo dos anos tinha passado muito tempo transmitindo sua filosofia sobre armas a Zhota.

— Os ignorantes verão seu bo como mera madeira, algo fácil de quebrar — continuou Akyev. — Porém, ele só se estilhaçará se você hesitar e, enquanto você caminhar a trilha do dever, não motivo para que isso aconteça.

Zhota e o mestre tinham se reunido num dos campos de treino murados do monastério para treinar com armas reais. Os dias de prática com espadas cegas e cajados ociosos tinham acabado.

O jovem monge tinha chegado cheio de confiança, mas ela derreteu completamente quando Akyev desembainhou a cimitarra. A espada era desprovida de adornos, mas Zhota sabia que não havia nada de ordinário nela. O Inflexível a tinha forjado com as próprias mãos, dobrando o aço sobre si mesmo repetidamente por meses. Toda manhã, ele rezava para seu deus padroeiro; Zaim, o deus das montanhas; pedindo a infusão da lâmina emforça indômita. Ela era capaz de cortar pedra e armadura de placas como se fossem água.

— A arma é um adorno — afirmou Akyev ao ver o medo no rosto de Zhota. — Os Patriarcas consideram que minha lâmina não é melhor que seu cajado. Você questiona a sabedoria divina deles?

— Não — respondeu Zhota, tentando dar a impressão de que realmente acreditava nisso.

Depois disso, o treino começou. Quando o primeiro golpe de Akyev desceu como um relâmpago, a dúvida e a incerteza tomaram Zhota. Não era a espada que ele via, mas o homem que a brandia; o homem que sempre lhe era superior, que nunca estremecia perante qualquer tarefa que lhe fosse conferida, nem mesmo as mais árduas.

A cimitarra tinha cortado o bo de Zhota, pondo-o de joelhos. O mestre libertou a lâmina e rugiu em fúria. — Imbecil! Você poderia ter morrido Permitiu que os temores o guiassem.

Akyev fitou com desgosto o verde, azul e branco dos mantos que vestiam Zhota. — Você tem muito dos rios em si... Às vezes plácido e calmo, às vezes turbulento.

Os tons das roupas de Zhota eram emblemáticos de Ymil, o deus dos rios. A divindade era associada com emoção, intuição e as propriedades curativas da água. Porém, alguns monges, e Akyev acima de todos, afirmavam que Ymil era caprichoso e indecisivo. Quando Zhota o escolheu como deus padroeiro, os Patriarcas o designaram a Akyev. Esperavam que o comportamento rígido do monge mais velho fosse temperar a natureza hesitante do jovem, e vice versa.

— Nossa tarefa é simples, nossas ordens são claras. Por que você as complica com incerteza? — Inquiriu Akyev ao inspecionar o corte no cajado de Zhota. — Este é o preço da desobediência. É isso que acontece quando você se desvia do dever. E quando sopra o vento do agouro, a árvore que cede é a árvore que se parte.

A lua seguia alta quando Zhota terminou de reviver a memória daquele dia, com o dedão ferido de tanto esfregá-lo no corte serrilhado no bo. O menino ainda dormia. Bastava vê-lo para que Zhota ficasse furioso. Ele desejava jamais ter encontrado a criança.

Ele não importa, Zhota disse para si mesmo. O passado do órfão e todos os mistérios do acampamento massacrado eram distrações. Com o passar da noite, o monge tomou a decisão. Havia aldeias ao sul dali. Se não tiverem sido destruídas, ele encontraria alguém para cuidar da criança.

Se as aldeias não existissem mais, e ele não encontrasse outro refúgio em três dias, Zhota daria ao menino a última opção restante: a paz.

Zhota parou numa coluna solar que perfurava a copa das árvores, e absorveu a luz purificadora da alvorada. Ficou nas pontas dos dedos, com braços erguidos e com o queixo tocando o peito. O monge manteve a posição, de olhos fechados, por mais de dez minutos, silenciosamente entoando mantras para limpar a mente.

As meditações matinais era o máximo de descanso a que ele se permitia. Zhota mal tinha dormido nas últimas semanas, viajando de dia e montando guarda à noite.

Cinco dias se passaram e a criança ainda vivia. Como o monge temera, as aldeias que encontrou estavam vazias. A cada dia que passou, Zhota tinha inventado algum motivo para não ter entregado o garoto aos deuses ainda. Hoje, tentou justificar a hesitação se convencendo de que havia outra aldeia logo mais adiante.

— Mishka... é o meu nome — disse o menino, interrompendo a paz de Zhota.

— Zhota — grunhiu em resposta, e se concentrou nos mantras.

Um momento depois, o monge ouviu um som extraordinário; algo estranhamente doce que não se encaixava em Gorgorra. Ao abrir os olhos, viu Mishka tocando algumas notas trêmulas na flauta.

— Você conhece “O Finório de Morro dos Musgos”? — Indagou Mishka, baixando o instrumento.

— Não — retrucou Zhota irritado, mesmo que, na verdade, a conhecesse. Era uma canção infantil, cheia de atos heroicos exagerados; exatamente o tipo de música que ele mesmo teria tocado na sua juventude.

— Essa era a canção favorita da minha mãe, ela sempre tocava quando as coisas ficavam tranquilas. — Mishka sorriu tristemente. — Eu posso ensinar você.

— Isso não é nece... — começou Zhota, mas o garoto tocou assim mesmo.

Zhota suspirou e abandonou a posição de meditação.

Deixe que o jovem toque, se isso o deixa contente. Tudo acabará em breve, ele disse a si mesmo.

Quando Zhota e Mishka iniciaram a jornada naquele dia, o monge levou o garoto nas costas. Duas noites antes, o menino tropeçara numa árvore caída e quase quebrou o braço. Desde então Zhota passou a carregá-lo ocasionalmente para acelerar o passo e manter o garoto a salvo.

Conforme Zhota avançava pelas densas florestas montanhosas, a criança continuou tocando. Zhota tentou ignorar a canção, achando que o menino se cansaria dela, mas logo o sol estava se pondo e Mishka continuava soprando a flauta.

Foi só à noite, depois que Zhota montou o novo acampamento, que a música realmente o afetou. Num canto distante da mente, ele ouviu o som de risadas e viu crianças descalças correndo por uma aldeia de casebres de sapê, sem preocupações, inocentes e ignorantes do equilíbrio precário entre ordem e caos no mundo. Zhota levou um momento para perceber que era a própria infância dele.

“Quando sopra o vento do agouro, a árvore que cede é a árvore que se parte.” As palavras soaram na mente do monge.

— Já chega! — Zhota arrancou a flauta de Mishka e a guardou nos mantos.

— Eu só queria ouvir a canção — respondeu o garoto, franzindo o cenho.

— Uma vez teria bastado, não milhares de vezes — resmungou Zhota, e refreou a irritação. Ao ver Mishka baixa a cabeça, culpado, o monge acrescentou. — Está escuro, e você chama atenção indesejável.

Ele tinha usado tais palavras como desculpa, mas não levou nem meia-hora para se provarem verdadeiras.

Dois assovios agudos penetraram a noite. Zhota abriu a mente à mata, em busca de movimento, mas os deuses estavam novamente relutantes. Logo, dois homens emergiram da floresta, vestindo pedaços desconstruídos de armaduras veteranas.

Zhota soube imediatamente o que eles eram. *Salteadores... mercenários... homens sem deus.*

A dupla hesitou à beira do acampamento e se entreolhou. Um deles, um brutamontes com grossos braços musculosos e uma cicatriz reluzente que ia da orelha esquerda ao queixo, olhou feio para Zhota e se virou para partir. O outro o impediu. Esse tinha um rosto bonito e barbeado, emoldurado por cabelos negros que desciam até o ombro. Os olhos esmeraldinos cintilaram famintos à luz da fogueira, fitando Mishka atentamente.

— A noite é escura, homem santo — saudou o homem bonito, finalmente interrompendo o olhar.

— Então deixe que a luz do meu fogo lhes tranquilize — respondeu Zhota, completando o antigo cumprimento. Mesmo dentre estes homens, o monge não conseguiu ignorar a ordem de Akyev de observar os viajantes.

— O que os traz tão fundo nestas matas? — Zhota indagou enquanto os dois salteadores se assentavam perto do fogo. O monge manteve a respiração constante e o rosto calmo mas, detrás dessa máscara imóvel, julgou os movimentos dos recém-chegados, detectando suas fraquezas. Os viajantes estavam armados: O brutamontes com um enorme machado de batalha, e o companheiro dele com uma espada bastarda às costas.

— A mesma coisa que trouxe você. — O homem bonito aqueceu as mãos ao fogo. — Os monges não estão dando conta, parece, e sua ordem chamou os portadores do aço para ajudar.

Mentiras, Zhota quera cuspir-lhe de volta, mas se conteve. A noção de que os Patriarcas usariam salteadores para aplicar sua vontade divina era sacrílega. Homens sem deus reverenciavam apenas uma coisa: ouro.

— E quando os Patriarcas emitiram tal decreto?

— Não foram eles, diretamente. Foi um dos seus irmãos, patrulhando esta região. Ele falou de um demônio solto na mata. Uma coisinha astuta, que veste o rosto de uma criança cega, com pele e cabelos brancos como a neve. — O sujeito sorria para Mishka enquanto falava. — Parece que você já pegou o monstrinho.

— Eu não sou um demônio! — Protestou Mishka.

— Então por que você está amarrado? — O homem marcado riu.

— O demônio é quem me persegue. Matou minha mãe e o resto das pessoas. — O sangue começou a se acumular nos olhos de Mishka.

— Lágrimas de sangue... — O homem bonito estremeceu. — Se você não é um demônio, então foi amaldiçoado.

— Não consigo controlar. Sou assim desde que nasci. Minha mãe disse que só os tolos acham que é uma maldição. — Mishka estendeu a mão amarrada em busca de Zhota. — Você acredita em mim, não?

— Calado — retrucou Zhota no que o medo e a incerteza o dominaram.

Nada em Gorgorra é o que parece.

Zhota foi forçado a admitir que era possível que algum membro tolo da ordem tivesse alistado a ajuda dos mercenários. E se esse monge considerasse o garoto um demônio... Teria Zhota sido enganado esse tempo todo?

Não. Zhota observara o menino por dias. Mishka era apenas uma criança, mesmo que fosse amaldiçoado pelos deuses. Certamente houve rumores sobre um garoto horrendo na floresta, e o outro monge os tinha tomado por verdade.

— Onde está esse monge? Preciso falar com ele sobre a criança.

— Sobre o demônio, você quer dizer? — Respondeu o homem bonito. — Oeste daqui, da última vez que a gente viu ele. Ele acha a gente, e não o contrário.

— Entrega a criatura pra gente — exclamou o homem marcado. — O monge prometeu pra gente o peso dessa coisa em ouro. Precisamos dessa grana. Estamos vivendo de raízes e carniça há dias.

Zhota o ignorou. — Oeste, você disse. Vou procurar esse outro monge.

— Nós vamos com você — declarou o brutamontes. — O monge nos deve algo pela nossa parte.

— Seu trabalho está feito. — Zhota se levantou e puxou Mishka.

— Você tem dinheiro para nos pagar, então? — Inquiriu o homem bonito.

— Sua recompensa é a gratidão dos Patriarcas.

O brutamontes cuspiu aos pés de Zhota. O camarada dele suspirou.

— Veja bem, e aí que a coisa complica. Dever e honra fazem muito bem a você e seus irmãos carecas, mas não ajudam muito a gente como nós.

Zhota respirou fundo algumas vezes para se acalmar. Ele tinha aturado a presença daqueles homens por tempo demais. — É por isso que vocês levam vidas imundas e infames.

O brutamontes se enfureceu, mas o companheiro dele apenas riu, um som roufeno e carregado de desprezo e condescendência. Ele ainda estava rindo quando sacou a espada das costas.

— Teimoso, você, hein? — Disse ele, afinal. — Sua barba é muito mais curta que a do outro monge. Acho que não faz tanto tempo que você estava na sua maloca nas montanhas, mamando nas tetas santas dos Patriarcas.

Zhota permaneceu imóvel, com todos os músculos do corpo retesados. — Tempo bastante para que eu consiga lidar com dois homens sem deus.

— Dois? Talvez. Mas e quanto a três? — O homem bonito assoviou.

Das trevas detrás de Zhota veio o berro de madeira com ponta de aço voando pelo ar. O monge girou e golpeou o bo num arco veloz, quebrando a flecha em duas a trinta centímetros do peito dele.

Quando Zhota se virou de volta ao acampamento, o homem bonito estava investindo contra Mishka, contornando a fogueira. Zhota estocou com o cajado contra as chamas. Uma onda de choque se lançou do bo e atingiu a fogueira, lançando toras ardentes contra o salteador. A maioria dos tocos em chamas ricochetearam na armadura, mas uma das brasas lhe cortou o rosto e se cravou no olho direito. O homem gritou de agonia no que o cabelo dele se incendiou.

O brutamontes saltou sobre o fogo e avançou contra Zhota, com o machado de batalha erguido sobre a cabeça. Zhota se manteve preparado no que o salteador golpeou com a imensa arma. No último momento, o monge se esquivou do ataque desengonçado e o machado do inimigo se cravou no chão da floresta. Com o cajado, Zhota bateu nos antebraços do sujeito, que se partiram como jarras de vinho num jorro de sangue e ossos triturados.

O ruído quase imperceptível de um arco disparando soou atrás de Zhota. O monge mergulhou para o lado no que a flecha passou zunindo e se cravou no peito do homem marcado. Um atacante oculto na mata praguejou e, a julgar pelo som de passos se afastando na floresta, fugiu do acampamento.

Zhota conferiu os arredores. O homem bonito estava morto também. A pele do pescoço e do rosto dele eram uma massa de sangue e bolhas. Mishka, porém, tinha sumido.

— Mishka? — Chamou. O medo lhe causou calafrios.

— Aqui — respondeu a criança, enquanto se arrastava de debaixo de uma árvore caída. — Eles mentiram. O demônio os mandou para...

— Silêncio! — Rugiu Zhota.

A mente do monge estava tomada de pensamentos conflitantes. Ele ouvia a voz de Akyev lhe dando uma bronca. *Foi tudo uma farsa para você baixar a guarda. Você é tão tolo a ponto de não ver?*

— Por que você não acredita em mim? — Indagou Mishka. Ele estendeu a mão e segurou a mão de Zhota.

Havia algo irônico naquela criança diante dele, tão inocente, quando dias atrás Zhota decidira matá-lo. Foi então que o monge percebeu o quanto Mishka o lembrava de si mesmo quando criança, cheio de confiança nos outros, esperança e todas essas coisas que o Inflexível desprezava. Eram os lamaçais na trilha do dever; as parte infantis de Zhota que ele acreditava ter expurgado no treinamento.

Mas elas não tinham realmente morrido. Elas revelavam a Zhota uma verdade difícil de acreditar: que Mishka era apenas um garotinho, solitário e assustado e cego, procurando uma mão para guiá-lo pelas sombras de Gorgorra. Havia um motivo para o deus do destino uni-los.

— A verdade — exigiu Zhota. — O que é esse demônio? Por que ele lhe persegue?

O garoto mordeu o lábio, hesitante, mas acabou falando. — Meu pai que o mandou.

— E por que um homem faria isso?

— Meu pai... não é só um homem — respondeu Mishka timidamente.

Então o menino contou a história do seu passado.

Uma névoa densa recobriu Gorgorra, dissipando a luz do sol do meio-dia e pintando a floresta em tons de decomposição. Zhota já estava carregando Mishka nas costas há horas, andando em círculos para oeste do acampamento, esperando em vão encontrar o tal outro monge. Não foi a primeira vez que Zhota se considerou um tolo por acreditar nas palavras deles.

Ainda assim, ele seguiu andando. Se um monge da ordem dele estava realmente ali, Zhota tinha de encontrá-lo e contar a verdade sobre Mishka. O garoto tinha contado a história dele noite adentro, uma narrativa tão blasfema que o mero ato de ouvi-la fez que Zhota se sentisse conspurcado. Quanto mais ele pensava nela, mais implausível parecia. *E como você espera convencer um monge da validade dela?*

Zhota calou as dúvidas e continuou andando. Levou mais uma hora até que a névoa sumisse, e então Zhota captou o cheiro de incenso ao entrar numa pequena clareira. Era leve inicialmente, um odor em forte contraste com os aromas úmidos e terrosos da floresta. Zhota levou um momento para discernir notas de rosa sangrenta e pau-jade e, ao fazê-lo, ficou paralisado.

Ele reconheceu o cheiro.

O que foi? — Mishka sussurrou.

Zhota não respondeu. Não conseguia. O corpo dele ficara rígido como pedra. Conhecía aquele perfume tão bem quanto o próprio nome. Era o incenso de Akyev, o perfume que Zhota tinha sentido em todos os dias do treinamento.

O monge se sentiu subitamente pequeno e fraco... bem como o garotinho que ele fora antes que Akyev tivesse matado aquela parte dele, ou pelo menos tentando...

A manhã em que Zhota conheceu Akyev fora fresca e limpa. O Inflexível tinha chamado o rapaz até um dos terraços do monastério ao nascer do sol. O monge mais jovem tinha ouvido muitas histórias da famosa força do mestre, e estivera contando as horas até finalmente encontrar o Inflexível e iniciar o treinamento.

Mas a alegria juvenil de Zhota iria morrer naquele dia. Ele iria aprender que o Inflexível era um tanto incomum na ordem, um homem capaz de fazer qualquer coisa para cumprir comandos. O poder e determinação dele eram páreo apenas para o fanatismo e a natureza implacável.

— Pule — comandou Akyev, apontando sobre a beira do terraço, que terminava no alto de um penhasco de mais de 200 metros de altura.

Levou um momento até que Zhota percebesse que Akyev tinha falado sério. Foi aí que o medo chegou. Zhota sabia que iria morrer se obedecesse ao comando, e porém uma pequena parte dele acreditava que ficaria tudo bem. O sentimento não veio de um desejo de seguir ordens cegamente; mas sim das profundezas do ser dele. No fim, porém, Zhota atribuiu a ideia à pura loucura.

Quando o mestre o agarrou pelo pescoço e o arrastou até a beira, Zhota gritou por misericórdia. Os Inflexível respondeu atirando o rapaz ao abismo. Zhota fechou os olhos, esperando a morte, até se chocar contra uma plataforma de pedra que havia logo abaixo do monastério... e que não estivera ali antes.

Isso foi antes que ele conhecesse os segredos do monastério: Paredes que não eram paredes, escadas que não eram escadas, e as muitas outras ilusões com a função de manter os noviços sempre alerta.

Depois que Zhota caiu, Akyev o puxou de volta da plataforma. O jovem monge tremia incontrolavelmente. — Você treme como uma folha ao vento — ralhou o mestre. — Você é escravo do medo. E por isso jamais será um monge. Não é nada além de um garotinho assustado que não tem lugar nesta ordem.

Quando Zhota reuniu a coragem para olhar Akyev no olho, o Inflexível então perguntou: — Você precisa escolher. É esse garotinho, ou é um monge?

— Não sou esse garoto — respondeu Zhota, limpando as lágrimas.

— Que assim seja. Se ele reaparecer, não haverá plataforma para salvá-lo da queda.

Zhota se livrou da memória e balançou a cabeça. Ele tinha ignorado a intuição naquele dia. Não tinha sido pela última vez. Ao longo dos anos, o Inflexível tinha trabalhado fervorosamente para suprimir a insistência do pupilo em confiar em si mesmo ao se deparar com situações difíceis. Se a intuição de Zhota estava ou não correta, não importava a Akyev. Ele acreditava que essa autossuficiência comprometeria a capacidade de obedecer aos comandos dos Patriarcas e executar a vontade divina deles.

— O que foi? — Mishka indagou ao descer das costas de Zhota.

— Nada — um mal-estar gélido crescia no estômago do monge. Se fosse qualquer outro monge, talvez Zhota pudesse convencê-lo da inocência de Mishka. Mas nunca Akyev. Nunca o Inflexível.

Zhota pensou em abandonar esta área da floresta, mas o mestre encontrou o discípulo e Mishka antes que o monge pudesse cumprir o pensamento vergonhoso. Akyev emergiu de detrás de um pinheiro colossal, guiando uma besta de carga carregada com alforjes de couro de vários tamanhos. O monge mais velho tinha a mesma aparência de sempre: calmo e composto, sem um traço de grisalho na barba negra. Os círculos da ordem e caos na testa ainda eram vívidos, como se tivessem sido tatuados ontem, e não há anos.

— Zhota — reconheceu Akyev. Lançou um breve olhar a Mishka, mas não houve sinal de surpresa no rosto dele.

— Mestre. — Zhota juntou as palmas e se curvou.

O monge mais velho avançou com passos lentos e medidos, até parar diante do antigo pupilo. Zhota era um palmo mais alto que o mestre, mas sentia-se diante de um gigante mesmo assim.

— Eu temera que você não estivesse pronto, mas parece que me enganei. — Akyev passou a fitar Mishka. — Você teve sucesso onde até eu falhei. Os deuses são misteriosos, de fato.

Zhota se encheu de orgulho. Akyev jamais elogiara seus esforços antes. O mestre sempre encontrara defeitos em tudo que Zhota fazia. Durante seu tempo no monastério, Zhota tinha visto outros monges nutrindo relacionamentos positivos com os acólitos. Quando erros eram cometidos, o pupilo nem sempre era punido; o mestre lhe mostrava a forma correta. Não funcionava assim com Akyev. Zhota lutou contra a natureza intoxicante do raro elogio do mestre, lembrando o sofrimento do menino.

— Você busca um demônio, mas o menino... — começou Zhota, mas o mestre o interrompeu.

— Não é um menino. Nada em Gorgorra é o que parece. Veja só o que aconteceu a este lugar sagrado. O equilíbrio foi perdido. Este, Zhota, é o momento para o qual fomos treinados nossas vidas inteiras.

Akyev baixou a voz até um sussurro e apontou Mishka. — Os deuses da ordem tremem de inquietação. Esta abominação que veste a pele de uma criança é só mais uma prova do triste estado das coisas.

O garoto permanecera estranhamente calado esse tempo todo. Zhota viu agora que ele estava paralisado de terror. O sangue fluía dos olhos dele, e o corpo tremia incontrolavelmente.

— *É o demônio!* — Gritou Mishka de repente. — O demônio!

— Você vê? — Comentou Akyev calmamente. — A criatura imunda dirá qualquer mentira para esconder a verdadeira forma.

Abominação. O absurdo da narrativa de Mishka era um fardo pesado para Zhota. Ele sabia que tinha de agir rapidamente antes que cedesse às dúvidas, e assim purgou as reservas da mente e recontou a história da criança...

Na noite anterior, Mishka tinha revelado que era o filho de um Patriarca e sua concubina. Dadas as deformidades do menino, o pai tinha pensado em matá-lo, mas a mãe convencera o Patriarca a confinar o filho a um canto do palácio de Ivgorod. Lá Mishka viveu por anos, isolado, até que o fogo celeste queimou o céu. Com a chegada de tantos rumores de forças sombrias e profanas surgindo em Gorgorra e outras regiões, o medo e a paranoia dominaram o reino. A população estava entrando em pânico e buscava respostas dos Patriarcas... E salvação.

Os Patriarcas eram a voz dos próprios deuses. Eram símbolos da justiça. O fato de um deles ter gerado um filho como Mishka seria visto, na melhor das hipóteses, como um mau presságio. Mas, nestes tempos sombrios, tal criança lançaria dúvidas sobre a própria pureza do Patriarca. Por isso, Zhota deduziu, o líder santo tinha finalmente ordenado a morte do menino. Foi graças ao trabalho da mãe e de alguns servos fieis que Mishka acabou sendo poupado e retirado de Ivgorod, para as profundezas de Gorgorra.

Quando Zhota terminou de falar, Akyev o fitou por um longo momento, sem discutir ou questionar a história. — Você ouviu apenas as mentiras que o demônio lhe empurrou — disse apenas.

— É difícil de considerar, eu sei, mas acredito que ele seja inocente.

— Você *acredita*? Você juraria pela sua honra de membro da nossa ordem que isso é verdade?

— Sim — respondeu Zhota, sem convicção.

Akyev baixou a cabeça e respirou fundo. — Então eu estava errado...

— É como você disse: nada em Gorgorra é...

Akyev interrompeu Zhota com um chute giratório no esterno, deixando-o sem fôlego.

Tudo ficou escuro, e sinos tocaram na cabeça do monge. Por entre o zumbido, Zhota ouviu Mishka gritando. Quando Zhota voltou a ver, viu Akyev parado sobre ele, segurando a criança pelos cabelos.

— Eu estava errado quanto a você — cuspiu Akyev. — Como você pôde se perder tanto assim? Foi um dos Patriarcas quem me informou do demônio e suas mentiras! Quem é você para questioná-lo?

Zhota plantou o cajado no chão e se esforçou para se levantar enquanto as palavras do Inflexível se tornaram claras. *Só um dos Patriarcas tinha dado a ordem. Os outros oito não sabiam nada desta missão?*

— Mate a criatura — comandou o Inflexível. — E suas transgressões serão perdoadas.

O desejo de obedecer era opressivo. Zhota tinha vivido tanto tempo com os ensinamentos do mestre, que desafiá-los o deixava quase fisicamente doente. Porém, uma voz nas profundezas do monge sussurrava que ele fizesse exatamente isso. Era uma intuição, um lampejo de clareza, como aqueles que Akyev o mandou calar durante os anos de treinamento. Ia contra tudo que Zhota aprendera como sendo correto, mas, de uma forma inexplicável, iluminava com a luz da verdade.

— Não... ele não é... — Zhota conseguiu dizer em meio à respiração ofegante.

— Eu me agarrei à esperança de que você seria forte, — o mestre suspirou, — que você se tornaria forte, superaria as fraquezas em você. Mas ainda é só um menino. Eu tenho de me culpar pelo seu fracasso.

— Os deuses estão inquietos, como você disse. — Zhota se preparou para a blasfêmia que estava a ponto de dizer. — O Patriarca que despachou você não está mais preocupado em manter o equilíbrio — continuou. — O demônio que você busca, se é que existe, está lá fora agora mesmo.

Akyev acertou uma joelhada no estômago de Zhota, que desabou. O monge mais jovem ergueu o olhar a tempo de ver a mão livre do mestre golpear. A dor cravou-se na testa de Zhota. Alguma coisa quente e úmida escorreu pelos olhos e nariz dele. Quando Akyev recolheu a mão e atirou um retalho sangrento para o lado, Zhota percebeu que era a pele onde os círculos da ordem e caos tinham sido tatuados.

— Você não tem direito de usar esses símbolos sagrados! Você não é um monge... Não. Volte ao monastério imediatamente, e aguarde minha chegada. Seu sacrilégio será levado perante o Patriarca.

O Inflexível saiu andando, puxando Mishka atrás de si. Zhota se levantou, lutando com a vergonha. Os fracassos e lições inscritas no cajado pareciam queimar a mão dele sempre que as tocava.

Raiva... raiva por todos aqueles momentos em que Akyev o superara, todas às vezes em que Zhota quis acreditar em si mesmo, e acabou sendo humilhado pelo Inflexível, essa raiva correu pelas suas veias como fogo.

Ele investiu contra Akyev e acertou o bo no lado do pescoço do mestre. O golpe fez o braço de Zhota vibrar como se o homem fosse de granito. O cajado se dobrou, e uma longa rachadura se abriu no comprimento da arma.

Akyev cambaleou um pouco, o suficiente para Mishka se libertar.

— Esconda-se como sua mãe lhe ensinou! — Berrou Zhota. — Saia apenas quando ouvir a canção dela!
— Mishka saiu correndo, mata adentro. Zhota sabia que o menino não iria longe sozinho.

Mas Akyev mordeu a isca. Sacou a cimitarra e saiu atrás da criança, com a lâmina brilhando baça à penumbra da floresta. Zhota estocou o cajado contra o peito do Inflexível. Akyev aparou o ataque com facilidade e moveu a espada num arco baixo com velocidade cegante. Zhota plantou o pé na árvore atrás dele e deu um mortal sobre o monge mais velho e seu ataque.

A espada do Inflexível cortou completamente o tronco da árvore. O imenso pinheiro começou a cair na clareira, na direção da besta de carga. O animal fungou e andou para frente, bem quando os galhos da árvore arrancaram os alforjes das costas dele. Zhota estremeceu quando o pinheiro atingiu o solo da floresta num estrondo trovejante.

Os pertences de Akyev se espalharam por todos os lados. A maior das bolsas se abriu e algo rolou dela, envolto em sal e ervas. Era pálido e decomposto, com mechas de cabelo negro.

Uma cabeça de mulher, com a boca escancarada eternamente num grito silencioso.

As peças do quebra-cabeças se encaixaram. A caravana massacrada. O corpo sem cabeça. O demônio.

Zhota olhou para Akyev, sem querer acreditar. O mestre era muitas coisas, talvez o mais cruel e severo dos monges, mas Zhota nunca pensou que poderia ser um assassino.

Ele não poderia imaginar os Patriarcas apoiando o massacre da caravana sob qualquer circunstância. Não, aquilo estava tudo errado. Era evidente que o pai de Mishka era um dos Patriarcas jurados ao caos, e que estava agindo sem o consentimento dos outros governantes. Talvez por isso ele tenha escolhido Akyev, um homem capaz de obedecer absolutamente qualquer ordem sem hesitação.

Akyev não olhou para a cabeça. A cimitarra se cravou fundo no bíceps esquerdo, num golpe perfeitamente posicionado que cortou os músculos. O braço pendeu sem vida, e Zhota recuou alguns passos fracos, fugindo do monge mais velho.

Zhota golpeou o cajado com uma só mão contra a cabeça de Akyev numa finta, e então chutou a barriga do Inflexível. Akyev segurou o tornozelo do discípulo e o atirou contra a árvore.

Antes que Zhota pudesse rolar e escapar, o mestre saltou para frente e atacou com a cimitarra. Zhota tentou usar o cajado para desviar o golpe, mas se sentiu subitamente indefeso contra a lenda que enfrentava, a mente turbulenta com dúvidas da mesma forma que no treinamento. A espada estilhaçou o bo, mas a medida defensiva foi suficiente para afastar o golpe do monge mais velho. A cimitarra de Akyev abriu um ferimento superficial em diagonal no peito de Zhota.

Zhota lutou para se levantar com o braço bom, mas caiu de volta em dor e derrota.

— Você combateu como eu esperava, sem graça ou determinação — afirmou Akyev.

— Você sabe que o garoto não é um demônio — Zhota conseguiu dizer.

— Sei o que o Patriarca me disse. Não o questiono.

— A caravana... Você matou aquelas pessoas.

— Eu cumpri o meu dever.

— E o dever exigiu que você contratasse homens sem deus? Para matar inocentes?

— Os salteadores eram ferramentas, assim como eu sou uma ferramenta dos seres divinos. Eu os teria mandado aos deuses, para serem julgados, se tivessem trazido o demônio a mim. Quanto aos outros, eles abrigaram a criatura. Quando perguntei para onde ela tinha fugido, eles praguejaram contra os Patriarcas. Os viajantes morreram como os cães que eram.

Akyev indicou a cabeça cortada. — Aquilo pertencia à demonesa. Tomei como prova da morte dela. Era escrava da criança demônio, uma meretriz que a criatura mandava às aldeias para seduzir novas vítimas.

— Mentiras — retrucou Zhota. — O pai dele, o Patriarca, apelou ao assassinato graças ao medo que sente. Ele acredita que o povo achará que ele está maculado, e talvez até se erguerá contra ele, se souberem que ele gerou uma criança deformada. Ele abandonou o sistema do equilíbrio para perseguir seus próprios fins.

— Você jamais entenderá o que significa o dever — argumentou Akyev. — Você condena minhas ações com um coração humano, quando elas são ditadas pelos deuses. Você é menos do que é um herege. Você ofende a minha honra e a honra da ordem. Vou lhe entregar aos deuses, para que seja julgado.

— Você sabe que ele é só um menino, não sabe? Mas escolheu ignorar a verdade — afirmou Zhota, enquanto o Inflexível erguia a cimitarra bem alto. Houve um mínimo lampejo de incerteza nos olhos do mestre.

Akyev golpeou com a lâmina mesmo assim. O tempo pareceu ficar mais lento no que o aço desceu... desceu... desceu. Com clareza súbita, Zhota percebeu que não era ele quem hesitava; era Akyev. O Inflexível, em sua fraqueza, tinha se dobrado perante o caos crescente e fechou os olhos à verdade.

Zhota orou para que os deuses silenciosos a sua volta lhe dessem força. Se ainda havia alguma coisa inocente em Gorgorra, o monge sabia que era Mishka. Zhota se concentrou nesse único pensamento, reafirmando que estava agindo de acordo com os princípios do equilíbrio. Calou medo e dor, focalizando toda sua convicção de ser forte na superfície da palma direita, enquanto ela se erguia para enfrentar a lâmina.

A cimitarra do Inflexível acertou a mão de Zhota. O peso da espada era como uma montanha inteira lhe pressionando. Porém, o fio da arma não rompeu a pele de Zhota. Ele não iria ceder.

— Ele é só um garoto — grunhiu Zhota entre dentes enquanto segurava a espada. — Você ainda pode fazer a coisa certa!

—*Cale-se!* — Urrou o monge mais velho. Com suor no rosto, ele lutou para arrancar a cimitarra da mão de Zhota. Quando percebeu que não seria possível, o Inflexível se inclinou para frente, empurrando o aço contra a mão de Zhota.

Não vou ceder. Não vou me partir.

Zhota soltou um rugido primevo e girou o pulso. A arma de Akyev se partiu como um graveto seco, e o monge mais velho caiu com a súbita liberação de pressão. Zhota virou a lâmina de lado na mão e a golpeou num arco, decepando o pescoço do mestre com um corte tão limpo que a cabeça de Akyev continuou sobre os ombros até o corpo tombar no chão.

Zhota não conseguia lembrar quanto tempo passou caído no chão, olhando para o alto com a mente tão limpa quanto o céu sem nuvens acima das árvores. Nem conseguia recordar de ter realizado as tarefas que executou depois: tratar dos ferimentos, entoar mantras curativos, lutar para construir uma pira e purificar o corpo de Akyev, enquanto recuperava lentamente os movimentos do braço esquerdo. A primeira coisa que ele lembrava ter feito era levar a flauta aos lábios e soprar. Ele tinha temido não recordar as notas de sua infância.

Mas ele deve ter acertado, porque Mishka emergiu na clareira.

— Zhota? — Indagou ele, humildemente.

— Aqui.

Mishka seguiu o som da voz e parou ao lado dele.

— O demônio...

— Ele não era um demônio, mas está morto mesmo assim — respondeu o monge.

Zhota desatou o manto que amarrava as mãos de Mishka e foi até a cabeça da mãe do menino. Queria dar a ele a chance de se despedir antes que o monge a entregasse aos deuses. Mas o garoto apenas respondeu. — Não... eu não preciso. Tenho a canção.

Depois de terminar o trabalho, Zhota ponderou qual direção deveria seguir. Ele não sabia bem como o Patriarca iria reagir quando Akyev jamais chegasse com provas da morte de Mishka. Mesmo assim, Zhota sabia que seria quase impossível para o governante encontrar outro monge como o Inflexível; alguém capaz de cumprir atos de destruição e crueldade brutais que iam contra a natureza do equilíbrio.

Apesar das coisas terríveis que descobriu decentemente, Zhota se consolou com o fato de que Akyev e o Patriarca eram aberrações. Assim como o estado da própria região de Gorgorra, eles eram sinais dos tempos turbulentos pelos quais o mundo passava, e eram males que podiam ser corrigidos. Outros monges, guerreiros honrados que jamais teriam feito o que Akyev fez, arriscavam suas vidas para derrotar as forças crescentes do caos. Não tinham fechado os olhos para os princípios sagrados da fundação da ordem monástica, e Zhota também não o faria.

O monge levou Mishka pela mão e se virou para o norte, para Ivgorod, determinado a levar notícias de tudo que tinha acontecido à ordem. O caminho dele jamais fora tão claro quanto agora, e pela primeira vez na vida, Zhota sentia como se realmente compreendesse o que significava ser monge.